

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i22.38741>

Ensaio recebido em: 05/07/2021

Ensaio aprovado em: 19/07/2022

Ensaio publicado em: 19/09/2022

ENXERGAR O CÉU DA HISTÓRIA um olhar através da infância

SEEING THE SKY OF HISTORY a look through childhood

Marina Harter Pamplona¹

(hartermarina@gmail.com)

Raíssa Campos Cortat²

(raicacortat@gmail.com)

228

Resumo: Desacostumada com a audácia e inventividade da infância, uma concepção hegemônica e ocidental de humanidade criou espaços para domá-la ou afastá-la. Este ensaio se vale da conexão que Walter Benjamin estabeleceu com a infância, bem como percorre os escritos que delineiam a distância que nos separa da arte de contar histórias. Essas imagens nos oferecem desenhos de uma memória inventiva frente à iminência do genocídio e destruição da natureza. Em momentos onde parcelas do fim do mundo se apresentam, experimentar um mundo guiado pela relação inventiva da infância com o visível e o invisível, nos remeteria a possibilidade de elaboração da morte e do passado - convocando nossa atenção à uma espécie de ética espiritual, conosco e com àqueles que perdemos. Esse movimento pode nos oferecer uma forma mais acolhedora de elaborar os caminhos da vida e a chegada da morte, reconhecendo e contando novas e velhas histórias.

Palavras chave: Infância. História. Luto.

Abstract: Unaccustomed to the audacity and inventiveness of childhood, a hegemonic and occidental conception of humanity created spaces to tame or drive it away. This essay draws on the connection Walter Benjamin uses to childhood, as well as traversing the writings that delineate the distance that separates us from the art of storytelling. These images offer us the drawings of an inventive memory facing the imminence of genocide and destruction of nature. In moments where portions of the end of the world present themselves, experiencing a world guided by the inventive relationship of childhood with the visible and the invisible, would lead us to the possibility of elaborating death and the past – calling our attention to a kind of spiritual ethics, with us and with those we lost. This movement can offer us a more welcoming way to elaborate the paths of life and the arrival of death, recognizing and telling new and old stories.

¹ Doutoranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Mestra e Graduada em Psicologia pela mesma instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7923578531457217>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0485-5052>.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8066110844516796>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3739-4782>.



Keywords: Childhood. History. Mourning.

*O Criador deixou a humanidade aqui na Terra
E foi pra algum outro lugar do cosmos
Um dia, ele se lembrou de nós e disse
"Ah, eu deixei minhas criaturas lá na Terra
Preciso ver o que elas se tornaram"
Mas, enquanto fazia esse movimento incrível de vir até aqui nos ver
Ele pensou
"E se eles tiverem se tornado algo pior do que eu posso conceber?
O melhor seria não ter um encontro pessoal com eles
Vou fazer o seguinte, vou me transformar em uma outra criatura
Para ver as minhas criaturas"
Ele se transformou num tamanduá e saiu pela campina
Em certo momento, um grupo de caçadores, munidos de bordunas e laços
Se encostaram numa paisagem, avançaram sobre ele, o prenderam
E levaram pro acampamento com a intenção óbvia de comê-lo
Duas crianças gêmeas, que observavam a cena
Evitaram que ele fosse levado para a fogueira
Ele então se revelou para os meninos
Que antes que os adultos descobrissem, acobertaram a sua fuga
Do lado de uma colina, os meninos gritaram
"Avô, avô, que você achou da gente, das suas criaturas?"
E Deus respondeu "mais ou menos!"³*

229

INTRODUÇÃO

A história de tradição Krenak, que narra a passagem do Criador pela terra, imperceptível para os olhos adultos que logo iam devorá-lo, relega às crianças o lugar de salvaguarda de sua existência. Criaturas ainda muito próximas do tempo da criação, as crianças são capazes de ter olhos para ver e ouvidos para ouvir algo que se passa despercebido pelo mundo dos adultos, e assim impedem que o Criador seja levado à fogueira. Ainda antes de partir, a pergunta curiosa nos fornece como resposta, uma imagem do que somos: mais ou menos, mais ou menos... Nesse lugar do meio, de quem não triunfa soberanamente, nem pode fracassar inteiramente, existimos.

O contador de histórias Walter Benjamin (2018), também nos fornece muitas imagens dessa existência que se faz menor do que o projeto individualista leva adiante como história

³ Ailton Krenak contou essa história em uma mesa intitulada "Sonhos para adiar o fim do mundo", que ocorreu no evento on-line NaJanelaFestival nos dias 22 e 24 de maio de 2020. A live está disponível através do link <<https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>>. Essa versão aqui utilizada foi retirada da música "É tudo pra ontem" do cantor Emicida, na música a história é narrada através da voz de Gilberto Gil



irrefutável da humanidade; a grande história do progresso tecnológico e industrial que esconde a própria história de como todo esse acúmulo tecnológico se voltou contra nós em forma de bombas, balas, destruição ambiental, massa cinzenta no céu. E foi no momento de ameaça insistente de destruição do homem pelo homem que Walter Benjamin, judeu exilado forçosamente pela ascensão do regime Nazista alemão, operou seu gesto retroversivo na história e na linguagem, e através de um trabalho inventivo de memória se voltou para a infância. Nesse sentido, Benjamin inventaria uma conversa com o mundo da infância, onde o jogo e a brincadeira ganham uma luminosidade especial em um fundo político que as fazia parecer desimportantes. Mas, a respeito dos momentos em que o filósofo se pôs a reimaginar lembranças da infância que viveu em Berlim, Bines (2019, p. 7) relembra o interesse de Benjamin pela “dimensão de perigo que a criança ativa quando se põe à escuta do que deveria estar morto”. Na brincadeira infantil, ocorrem intercâmbios enérgicos entre o que é vivo e o que está morto, assim, a criança que brinca com um avião nas mãos, fazendo-o alçar voos, produzindo com a própria voz o barulho do seu motor não imita a máquina, mas transforma seu próprio corpo em avião - ou faz o avião (objeto sem vida) sofrer o medo de cair ao solo (Gil apud BINES, 2019, pp. 7-8). Pelas brincadeiras que engajam o humano e o inumano, ruidosamente a infância nos convida a escutar os ecos de um mundo que amplia o sentido de sobrevivência.

230

Em uma de suas imagens de memória, o pequeno Benjamin (1987) aguardava os festejos de Natal observando a cidade através de sua janela, pousava o olhar, sobretudo, no interior das outras casas, cujas janelas revelavam a iluminação ou a falta dela. A nuance das luzes revelava à criança a desigualdade entre a riqueza e a pobreza. Nessa imagem, a criança, em seu quarto, pressente a aparição efêmera do “Anjo de Natal”, o frágil mensageiro que anuncia o retorno de Deus à Terra onde vivemos, todos os anos. A mensagem do anjo à criança é como a “brisa fresca” que impulsiona um velame no mar a mudar o rumo da história (FERREIRA e PAMPLONA, 2019), no entanto, a volta do menino Jesus já não pode mais ser percebida pela rotina sufocante das festividades (GAGNEBIN, 1997). Logo a iluminação gloriosa da árvore de natal, instalada no outro aposento da casa, penetra no quarto e toma a totalidade da atenção da criança, até que por fim, a árvore acabe enterrada na neve.

Na história dos Krenak e na lembrança de Benjamin é para a criança que a imagem do Criador se revela quando ele retorna à terra, e essa coincidência não é trivial, uma vez que essa fugaz aparição pode mudar o destino da humanidade. Onde a racionalidade adulta



jamais seria capaz de enxergar a presença de um anjo na terra, a criança faz viver o mundo invisível dos Deuses, o mundo dos mortos e o mundo das coisas.

1 NARRATIVIDADE E ETERNIDADE

No ensaio “O contador de histórias”, Walter Benjamin (2018) diagnostica o declínio da arte de contar histórias, atividade solapada pela subjetividade moderna e pelo ritmo acelerado do acúmulo de informações que não deixam a incompletude encantada dos contos sobreviver. A linguagem da imprensa e do romance burguês se emancipa da oralidade e da coletividade, buscando por um herói que irá construir a face de um indivíduo soberano em seu destino, sem contradições, e cujo triunfo depende de si mesmo, julgado como bom ou mau no dia de seu juízo final. Mas essa mudança em relação ao lugar das histórias narradas deve-se também à própria transformação na relação com o tempo e com a morte. O século XIX e a realização das reformas políticas, econômicas e sanitárias retirou das pessoas a visão dos moribundos. Através da aceleração do tempo produtivo, o indivíduo da modernidade passa a vivenciar uma espécie de aversão às tarefas demoradas - relacionadas ao labor artesanal. A ideia de eternidade, nesse sentido, se quebra, bem como a face da morte é completamente alterada, uma vez que ela guarda em si uma ligação intrínseca com o próprio sentido de eternidade. Outrora, a morte era tida como fonte da possibilidade de narração, a capacidade de deixar um legado simbólico nos ouvintes, uma marca da vida vivida. Sobre esse aspecto, Benjamin escreve:

231

O ato de morrer, outrora o mais público e mais exemplar da vida individual (lembramo-nos aqui das imagens da Idade Média nas quais a cama do moribundo vira um trono diante do qual se aglomera o povo que entra pelas portas abertas de sua casa), subtraiu-se aos poucos da atenção dos vivos no decorrer da época moderna. [...] Hoje em dia os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte, primeiros moradores da eternidade, e, quando chegam perto do fim são depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais. (BENJAMIN, 2018, p. 35)

Aquele que viveu, portanto, a experiência de uma vida, atravessou o deserto e os mares da existência, já não possui nada para contar e não há quem possa ouvir. O conto de Franz Kafka (1994, p. 39), intitulado “Uma mensagem imperial” traz uma valiosa ilustração da impossibilidade de transmissibilidade. Nesta narrativa, o imperador, no leito de sua morte, entrega uma mensagem a um de seus súditos: “Fez o mensageiro se ajoelhar ao pé da cama e segredou-lhe a mensagem no ouvido”. O mensageiro, então,



caminha para fora do palácio, no que percebe que tenta deixar suas portas e paredes inutilmente, pois vão se abrindo uma à uma, infinitamente

[...] Este se pôs imediatamente em marcha; é um homem robusto, infatigável; estendendo ora um, ora o outro braço, ele abre caminho na multidão; quando encontra resistência aponta para o peito onde está o símbolo sol; avança fácil como nenhum outro. Mas a multidão é tão grande, suas moradas não têm fim. Fosse um campo livre que se abrisse, como ele voaria! - e certamente você logo ouviria a esplêndida batida dos seus punhos na porta. Ao invés disso porém - como são vãos os seus esforços; continua sempre forçando a passagem pelos aposentos do palácio mais interno; nunca irá ultrapassá-los; e se o conseguisse nada estaria ganho: teria de percorrer os pátios de ponta a ponta e depois dos pátios o segundo palácio que circunda; e outra vez escadas e pátios; e novamente um palácio; e assim por diante, durante milênios; e se afinal ele se precipitasse do mais externo dos portões, mas isso não pode acontecer jamais, jamais - só então ele teria diante de si a cidade-sede, o centro do mundo, repleto da própria borra amontoada. Aqui ninguém penetra; muito menos com a mensagem de um morto. - Você no entanto está sentado junto à janela e sonha com ela quando a noite chega. (KAFKA, 1994, pp. 39-40)

232

No entanto, quem ainda insiste em nascer e pedir ao pé da cama, na fresta entre o sono e a vigília, para que mais uma história seja contada? Herdeiras das ruínas das tradições de contar e ouvir histórias, as crianças nascem, mas logo os adultos - por uma fidelidade a um sentido negativo de incompletude e inabilidade - querem deixá-las esperando em um presente vazio sem possibilidade de transformação. Dizem-lhe que são “o futuro”, prometem que o amanhã será melhor, depositam sobre as costas da nova geração a tarefa de consertar os sonhos frustrados. No entanto, a infância faz a linha da história dobrar sobre si mesma; as crianças jogam com a história (AGAMBEN, 2005), com os artefatos e objetos da história e nos oferecem a face de uma humanidade estranha e familiar para a racionalidade adulta - já fomos crianças e, ao mesmo tempo, somos exilados de infância. Diante da força da infância, sentimos ternura e medo. Colonizados, buscamos colonizá-las também - em sua imagem o céu e o inferno se unem, ora anjos, ora criaturas indomáveis. Idealizadas ou temidas, empobrecemos cotidianamente nosso vínculo com a infância, e assim tornamos cada vez mais distante nossa ligação com o nascimento e com a morte. Trocamos nossa relação com o passado, o presente e o futuro, pela “miúda moeda do atual” (BENJAMIN, 2012).

A face da humanidade ofertada pela infância coloca o próprio sentido hegemônico de humanidade em jogo. Aqui identificamos uma face que insiste em ser única, que há tempo nos conta uma história homogênea sobre quem somos e como existimos, eliminando ou escamoteando qualquer rastro que nos faça questionar a trama e as consequências



dessa empreitada, ou que nos permita ver os restos espalhados de sua destruição, em nome da civilização. Ela se sustenta por meio de acordos irrefutáveis e fixos sobre um tempo futuro de promessas e progressos. Krenak (2019) nos alerta sobre a ideia absurda dessa humanidade se deslocar da terra e viver uma *abstração civilizatória*: “ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (p. 22, 23). A abstração civilizatória nos impõe um lugar desconectado; abstrato demais para se relacionar com a concretude da existência - do sentir, da terra, da lágrima, do tempo presente - e civilizado demais para conseguir desafiar os acordos impostos e seguir pelas brechas, por outros modos de sentir e experimentar a existência, diferentes dos ideais hegemônicos colocados pela modernidade. Sem tempo para o presente e presos num ideal de futuro, os que compõem essa humanidade não possuem disponibilidade ou habilidade para se relacionar com corpos que habitam a morte - e que, portanto, são vistos como impossibilitados de contribuir com as promessas do futuro - e também com os corpos que habitam a infância, pois não se recordam como encantar-se com o presente. Neste lugar desconectado, é incompreensível o lugar do meio - o diálogo entre o literal e o simbólico como esferas intrínsecas uma à outra. Nesse sentido, Walter Benjamin (2018, p. 39) nos oferece uma imagem interessante do contador de histórias como a figura que possibilita a fusão entre a narrativa sagrada e a história profana; fazendo uma referência ao conto “A Alexandrita” de Leskov:

priscas eras quando tanto as pedras nas entranhas da terra quanto os planetas nas alturas celestes, todos eles se preocupavam com o destino do homem, e não atualmente, quando até nos céus há desgosto e sob a terra restou a indiferença fria pelo destino dos filhos dos homens e de lá não chegavam vozes nem obediência. Todos os planetas, de novo descobertos, já não recebiam mais nenhuma atribuição dos horóscopos; há também muitas pedras novas, e todas são medidas, pesadas, comparadas em termos de peso específico e densidade, mas depois nada profetizam, não são úteis em nada. O tempo de seu falar ao homem já virou passado (LESKOV apud Benjamin, 2018, p. 39)

E hoje, portanto, apesar de podermos medir, quantificar e hierarquizar os valores das pedras e dos corpos celestes, não podemos mais conversar com eles. Transformados em objeto de estudo, não são mais necessários para a formulação do nosso destino ou existência - e assim a humanidade caminha cada vez mais solitária, mortificando os elementos que não se dirigem mais à experiência humana.

Walter Benjamin, ao escrever sobre o livro de Alois Jalkotzky - “Contos maravilhosos e o presente. O conto maravilhoso alemão e o nosso tempo” - consegue



revelar, ou mesmo denunciar, a falta de habilidade ao lidar com os rastros da história - da destruição, da infância e da morte.

Esta é uma foto montagem: torres de extração, arranha-céus, chaminés de fábricas ao fundo, uma potente locomotiva no plano intermediário e, em primeiro plano, nessa paisagem de concreto, asfalto e aço, uma dúzia de crianças reunidas ao redor da professora do jardim de infância que narra um conto de fadas. (BENJAMIN, 2009, p. 147)

Munido de teorias da psicologia e da pedagogia, Jalkotzky inaugura uma guerra contra toda imagem, palavra ou significado contido nos contos maravilhosos que possam entregar o horror às crianças ou revelar vestígios que mostrem a proximidade entre a tenebrosidade de tempos passados e o tempo presente. Diante de tanto progresso tecnológico, industrial, político e econômico, os ogros, as disputas sangrentas e as bebedeiras parecem não caber mais em nossas paisagens. Castelos e rocas de fiar não representam mais o que somos. E então, Jalkotzky propõe o que o jogo da historiografia moderna pede: uma troca de palavras, de personagens e de cenários para atualizar “os contos maravilhosos” diante das necessidades do “presente”. E talvez nos atentar ao que o autor usou como fundamento para garantir tais trocas - as teorias - seja “levar muito a sério um texto em que a superficialidade é proclamada com um fanatismo que sob o pendão do tempo atual, desencadeia uma guerra santa contra tudo aquilo que não corresponde à “sensibilidade moderna”, colocando as crianças (como determinadas tribos africanas) na linha de frente dessa batalha” (BENJAMIN, 2009, p. 148).

Ao revelar a guerra santa que Jalkotzky empenha contra tudo que ameaça ou recusa a sensibilidade moderna, Benjamin nos ajuda a enxergar a existência *sintética*⁴ à qual estamos cada vez mais acometidos. Ao propor a troca de palavras de um tempo horroroso e imagens tenebrosas, espera-se a confirmação da superação, do progresso. Espera-se o livramento da imagem dos rastros; uma espécie de acalanto de raios de luz miraculosos que, com dificuldade,

⁴ O sentido de sintético utilizado neste ensaio acompanha a ideia apresentada por Antônio Bispo dos Santos (2015) que entende sintético como o pensamento articulado pelos povos colonizadores, guiados por um pensamento do ter, em contraposição ao orgânico, entendido como o pensamento experimentado pelos povos contracolonizadores, guiados por um pensamento do ser. Santos coloca que, impossibilitado de compartilhar com as demais naturezas, a humanidade precisou sintetizar, transformar a natureza em outra coisa que pudesse possuir, para, assim, se relacionar através da troca e não mais pelo compartilhamento. Nesse sentido, o pensamento sintético está articulado ao desenvolvimento, ao ato de des-envolver-se, enquanto que o pensamento orgânico está ligado ao ato de envolver-se. Trouxemos o sentido de sintético doado pelo autor, com o objetivo de colocar a preponderância do *ter* sobre o *ser*, do *desenvolvimento* sobre o *envolvimento* e da *troca* - baseada em sistemas de hierarquização de valores - sobre o *compartilhar*, percebida e sentida no contexto social, político e econômico ao qual estamos inseridos.



atravessam a massa de fumaça que nos separa do céu: “o brilho monárquico de nosso mundo centro-europeu foi felizmente superado. E quanto menos apresentarmos às nossas crianças esses fantasmas e pesadelos da história alemã, tanto melhor será para as crianças e para o desenvolvimento do povo alemão e da sua democracia” (JALKOTZKY apud Benjamin, 2009, p. 149). Mas Walter Benjamin (2009, p. 149) pergunta “como explicar então que as crianças, colocadas perante a escolha, preferam correr antes para as goelas do ogro do que para as dessa nova pedagogia? Terão assim também elas se mostrado estranhas à *sensibilidade moderna*?”. Há na infância e na possibilidade de elaboração da morte e do passado - pela via espiritual e simbólica - algo de orgânico e inventivo que desafia a existência sintética proposta pela modernidade e nos embaraça entre uma estranha familiaridade com um estado já vivido e que aos poucos foi esquecido e um medo, quase pavor, de se relacionar com o que há de visceral nesses estados.

235 As crianças, essas novas criaturas convocadas a estar, com o tempo, a par desse contrato humanitário e assiná-lo tão rápido seja possível, são promessas valiosas para compor o cenário futuro de desenvolvimento almejado, sendo incorporadas em discursos confusos que incluem ideais sobre uma sustentabilidade impossível. Esses ideais podem ser desmentidos em seu próprio nascimento, já que o fim do mundo está em curso e seu período de negociação já foi encerrado. Talvez por outra possibilidade de atenção ao mundo - transitando pelos espaços esquecidos, revirando seus objetos, misturando os elementos da natureza e da técnica, ouvindo a linguagem de árvores e aviões - a infância faz emergir um mundo espiritual e material ao mesmo tempo, nos oferecendo uma outra forma de habitá-lo. Assim, podemos nos remeter à imagem da menina Hushpuppy, protagonista do filme “Indomável sonhadora” (2012), que vive a misteriosa perda de sua mãe, mas que, no entanto, consegue olhar para o horizonte ou para o fluxo do rio e criar momentos de comunicação com ela. O sentido de presença encontra sua expressão para além dos limites do mundo visível, também é nesses momentos valiosos em que a criança parece encontrar sentidos de orientação em sua jornada.

Ailton Krenak (2019) nos oferece o sonho não como uma experiência atrelada somente ao ato de dormir, mas como um espaço de busca por orientações para o existir cotidiano. Nos diz que para “algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida” (KRENAK, 2019, pp. 51-52), mas que pode ser vista como uma fonte de experimentar escolhas e relações, abrindo-as como possibilidades de estar no mundo. A imagem do sonho como uma “experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada” (KRENAK, 2019, p. 66) se aproxima muito da relação das crianças com o invisível, seja em uma



brincadeira de faz-de-conta, seja se comunicando com a mãe através do rio. Há no sonho ofertado por Krenak e na comunicação de Hushpuppy relações com o invisível que nos remetem a uma relação espiritual com a vida.

Envolta também de incompreensões, a ausência provocada pela morte delega uma pausa, representa um tempo, um ritmo e uma não certeza que exala o mais orgânico odor sobre a vida, desafiando a engrenagem rápida e trituradora do desenvolvimento. Desacostumada à audácia, inventividade e disponibilidade infantil e à eternidade e organicidade da morte, a civilização criou espaços para domá-las ou afastá-las. Assim, crianças ficam restritas às escolas, os moribundos aos sanatórios e hospitais e a elaboração da morte, o luto, torna-se burocrática e individual, talvez por isso, quase impossível.

No momento de assombro pelo exílio e pelas ausências impostas pelo regime político fascista, Walter Benjamin volta-se à infância, nos oferecendo desenhos de uma memória inventiva frente à iminência do genocídio, da guerra, da destruição da humanidade e da natureza. Esse gesto que encontra a urgência de seu contexto histórico não é trivial, não é mera coincidência. Essa porção de sua obra, que traz suas memórias de infância, ensaios sobre livros e brinquedos infantis e, inclusive, transmissões radiofônicas dirigidas às crianças berlinenses, resguarda noções muito valiosas para pensar a linguagem, a memória, a história e a política - investidas de um sentido verdadeiro, encantado e autêntico, que possa habitar entre nós.

Dessa forma, a própria escrita de Benjamin nos permite exercitar um olhar curioso e infantil, seja para a vastidão e amplitude de imagens que seus ensaios oferecem, seja pela impossibilidade de lermos o autor sob a ótica de uma moral que evoca uma verdade unívoca sobre os fatos. Assim, Benjamin fala da barbárie da cultura, que acumula ruína sobre ruína aos pés do Anjo da História, ao mesmo tempo que evoca a imagem potente da criança que vai brincar nessas ruínas e reconstruir um microcosmo dentro de um macrocosmo. Benjamin desmente a ideia do progresso como destino inexorável dos homens, fareja um porvir de perigo, fala de uma história feita de “grandes derrotas e pequenas vitórias” como nos lembra Gagnebin (1993), diz que se há salvação, ela nos apareceria da fresta de uma porta estreita, e seria fugaz, um relampejar apenas. Dessa forma, articulamos sua obra à essas histórias em que esse sentido de salvação no tempo presente acontece justamente por uma imagem infantil, menor, e que nos oferece uma face do que somos - o Criador faz o sinal de “mais ou menos” quando as crianças lhes perguntam o que ele achou de nós. E assim, a tarefa da vida, do viver juntos, que emana dessa atenção simbólica sobre a vida, incide sobre os humanos que hegemonicamente têm insistido em exigir das crianças que construam um futuro



melhor, sem dar a elas um lugar na história e no presente, ao mesmo tempo em que justamente exigem que elas sejam o mais fiéis o possível ao modo de vida pautado em um só modelo de racionalidade adulta, eis o nosso aparente beco sem saída.

1.1 Constelações sobreviventes

Talvez seja construindo um sentido de sobrevivência que Benjamin tenha se deixado guiar pela infância, através de um sentido de memória não cumulativa, que joga com aquilo que perde (DIDI-HUBERMAN, 2010). Tomamos esse gesto não mais para escamotear o rastro de destruição que temos produzido com nosso modo de vida insustentável, mas para olhar justamente para ele. Para pensar um tempo de ausências e destruição, retomamos a voz de Ailton Krenak ao afirmar que podemos então pensar em ideias para adiar o fim do mundo:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 13)

237

É interessante pensar na imagem que Krenak nos traz de “pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo” que é capaz de sentir prazer em viver ainda em vida e que recebe, cultiva e compartilha histórias por um corpo que *sente, logo existe*. Interessante porque talvez o céu seja o meio de comunicação mais acessível e direto que temos. A qualquer tempo e espaço é possível comunicar histórias com e pelo céu. E talvez, também por isso, o céu seja um dos lugares mais apreciados para a morada do Criador ou a direção mais procurada para se conectar com aqueles que agora habitam um estado de morte. O céu, esse lugar visível a todos, mas que ao mesmo tempo guarda em si tantas outras constelações invisíveis aos olhos, mas possíveis à um sentir mais profundo, nos remete à uma imagem presente nas teses sobre o conceito de história de Benjamin (2012, p. 242): “O passado traz consigo um índice secreto, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que envolveu nossos antepassados?”, sob o mesmo céu, Benjamin fala de um encontro secreto “marcado entre as gerações precedentes”. O presente, nesse sentido, recebe os ecos dos apelos do passado, e é essa conexão que permite elaborar as passagens da vida, na conexão entre a terra e



o céu da história. Ignorar os ecos do passado torna impossível a construção de uma experiência genuína no presente e da imaginação de um porvir de transformação.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL

A experiência de se relacionar com o céu nos ajuda a pensar os simbolismos e invisibilidades que a existência guarda em seu percurso. Da criação à destruição, da construção ao destroço, do céu à terra, as expressões de existência guardam em si simbologias para além do visível pelos olhos. Essa presença simbólica - potencialmente espiritual - requer um tempo, uma incompletude, um uso dos sentidos e da coletividade abandonados pela racionalidade adulta e pela dinâmica de expropriação, exploração e extração a qual estamos submetidos. A turbulência tecnológica e neoliberal nos provoca uma sensação de anestesia, impedindo pouco a pouco nossa conexão e relação com o que está para além da dualidade entre o visível e o invisível.

O progresso técnico e científico tornou a vida humana descartável, ou ainda nas palavras de Benjamin (2012, p. 124), fez recair sobre os homens “uma forma completamente nova de miséria” que faz com que as experiências transmissíveis não mais se vinculem a nós. Este paradoxo cuja discussão pode ganhar muitas ramificações, nos faz pensar que a morte, nesse sentido, encontra cada vez menos lugar de elaboração através da vida simbólica. Seja pelo sentido neoliberal de acúmulo e consumo, que não deixa tempo para a elaboração das ausências, seja pelas exigências de produtividade e aceleração do tempo, e pela aversão - fruto de um ideal tirânico de soberania - à fragilidade que nos compõe. Nos rituais que se sustentam através do tempo, luto sempre exige um momento de pausa e silêncio, mas também o exercício coletivo e singular da memória. A criança, em seus primeiros anos de vida brinca de fazer aparecer e desaparecer os objetos repetidamente, ou elege um estranho objeto que lhe ajudará a entrar no mundo simbólico, capaz de acolhê-lo diante da ausência de alguém, assim nos diz Winnicott (1971). Através da atividade simbólica, a criança nos ensina outras formas de lidar com presença e ausência. A construção desse mundo simbólico - permeado, principalmente pelo jogo e pela linguagem do faz de conta - é valiosa para podermos transitar por dentro da história, nos permitindo elaborar as passagens da vida e morte com maior amparo. É também por meio das histórias que conseguimos escutar a linguagem do Criador que se transforma em tamanduá para vir à terra e que recebemos imagens de uma infância que guarda o tempo da criação, e que, portanto, não podemos jamais abandonar.



Em um momento tão doloroso como o que vivemos nos últimos anos, marcado pelas consequências desastrosas de uma pandemia, somadas ao triunfo eleitoral de um regime político descompromissado com a vida, construir coletivamente formas de atravessar o luto e também inspirações para enfrentarmos juntos essa espécie de fim mundo que vivemos, se mostra urgente e primordial. Apesar do número assustador de mais de meio milhão de mortes no Brasil, o luto é cada vez mais expulso do universo dos vivos. Walter Benjamin (2018, p. 35-36) nos alerta que “não apenas o conhecimento e a sabedoria de um ser humano, mas sobretudo sua vida vivida - e essa é a matéria da qual as histórias são feitas - assumem uma primeira forma transmissível no leito do moribundo”, por isso, acreditamos que, em momentos onde, gradativamente, parcelas do fim do mundo se colocam tão presentes entre nós, viver o luto como forma de honrar e se ligar à essa sabedoria, contar histórias e nos atentar à comunicação inventiva com o invisível feita pela infância, nos convoca à habitar uma coletividade e presença por uma espécie de ética espiritual, conosco e com àqueles que perdemos. Esse movimento pode nos oferecer, quem sabe, uma forma mais acolhedora de elaborar os caminhos da vida e a chegada da morte, reconhecendo e contando novas e velhas histórias.



REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: Destrução da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *A arte de contar histórias*. São Paulo: Hedra, 2018.
- BINES, Rosana Kohl. A grande orelha de Kafka. *Caderno de leituras*, n. 87. Chão da feira, 2019.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FERREIRA, Marcelo Santana e PAMPLONA, Marina Harter. Sobre a eficácia de anjos evanescentes: teologia e política em Walter Benjamin. *Momento: Diálogos em Educação*, v. 28, n. 1, p. 161-178, 2019.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Os cacos da história*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- KAFKA, Franz. *Um médico rural: Pequenas narrativas*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

